

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ATUÁRIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**UMA ANÁLISE ESPACIAL DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E  
DE SEUS CENTROS DE ACOLHIDA NA CIDADE DE SÃO PAULO**

A SPATIAL ANALYSIS ABOUT THE HOMELESS POPULATION AND ITS  
INSTITUTIONAL ASSISTENCE IN THE CITY OF SÃO PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao  
Curso de Economia da Faculdade de Economia,  
Administração, Contabilidade e Atuária,  
Universidade de São Paulo

**Aluno:** Vinicius Goes Nogueira de Sá

**Orientador:** Prof. Eduardo Amaral Haddad

**São Paulo 2022**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Goes Nogueira de Sá, Vinicius

Uma análise espacial da população em situação de rua e de seus centros de acolhida na cidade de São Paulo – São Paulo, 2022.

32 páginas

Área de concentração: R10 - General Regional Economics; I32 - Measurement and Analysis of Poverty

Orientador: Prof. Eduardo Amaral Haddad.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de São Paulo.

1. Palavra chave; 2. Palavra chave; 3. Palavra chave

## RESUMO

A pesquisa utilizou técnicas de análise descritiva de dados espaciais para estudar a população em situação de rua e os centros de acolhida da cidade de São Paulo. O trabalho identificou que a numerosa população em situação de rua da cidade de São Paulo, que chega a quase 32 mil, se concentra na região central da cidade. É possível que essa população tenha preferência por se instalar em locais com características como as da região central da cidade, como menor circulação de pessoas durante a noite e maior presença de bares e restaurantes. Todavia, nessa região central da cidade a população em situação de rua está dispersa por diversos pequenos pontos de concentração, com destaque ao Largo Coração de Jesus. Quanto à rede assistencial da prefeitura, seu padrão concêntrico indica que tais vagas estão bem alocadas no espaço da cidade, já que as pessoas em situação de rua também estão mais no centro da cidade. Todavia, identificou-se diversos distritos na periferia da cidade em que há vagas de acolhimento não utilizadas, ou seja, capacidade ociosa da prefeitura. Como não há população em situação de rua significativa próxima a esses distritos, tal fenômeno evidencia que a alocação de vagas da rede poderia ser melhorada caso fosse ainda mais concentrada nas regiões centrais da cidade. Todavia, a capacidade ociosa da rede não é explicada apenas por esse fenômeno. Na região central da cidade, a despeito da presença de muitas pessoas instaladas na rua, há vagas disponíveis na rede assistencial. Portanto, a população em situação de rua não parece propensa a utilizar o serviço de acolhimento da prefeitura. É uma importante agenda de pesquisa a ainda ser estudada o que pode levar a tal falta de procura pelo serviço de acolhimento.

## ABSTRACT

The research used techniques of descriptive analysis of spatial data to study the homeless population and shelter centers in the city of São Paulo. The work identified that the numerous homeless population in the city of São Paulo, which reaches almost 32 thousand, is concentrated in the central region of the city. It is possible that this population prefers to settle in places with characteristics such as the central region of the city, such as less movement of people at night and a greater presence of bars and restaurants. However, in this central region of the city, the homeless population is spread over several small concentration points, with emphasis on Largo Coração de Jesus. As for the municipal assistance network, its concentric pattern indicates that such vacancies are well allocated in the city space, since homeless people are also more in the city center. However, several districts on the outskirts of the city were identified in which there are unused reception spaces, that is, idle capacity of the city hall. As there is no significant homeless population close to these districts, this phenomenon shows that the allocation of parking spaces in the network could be improved if it were even more concentrated in the central regions of the city. However, the idle capacity of the network is not explained only by this phenomenon. In the central region of the city, despite the presence of many people living on the street, there are vacancies available in the assistance network. Therefore, a homeless population does not seem likely to use the reception service provided by the city hall. It is an important research agenda yet to be studied, which can lead to such a lack of demand for the host service.

## Sumário

1.	Introdução .....	6
2.	Base de dados .....	10
3	Metodologia .....	15
4	Análise espacial.....	18
4.1	Quantidade e acolhimento das pessoas em situação de rua .....	18
4.2	Oferta de vagas de acolhimento .....	24
4.3	Comparação de oferta com demanda por acolhimento .....	26
5	Conclusões .....	30

## 1. Introdução

População em situação de rua é o termo utilizado para se referir à parcela da população que tem como características comuns a extrema pobreza, a fragilidade ou interrupção dos vínculos familiares e falta de posse de moradia regular. Tal irregularidade da residência pode ocorrer tanto na forma de uso de espaços públicos para pernoite, como ruas e praças, quanto na de utilização de centros de acolhimento.<sup>1</sup>

Esse grupo de pessoas cresceu de forma exponencial na última década na cidade de São Paulo. De acordo com dados do censo da população em situação de rua realizado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social da Prefeitura de São Paulo (SMADS), a quantidade de pessoas nessa condição é em 2021 mais de três vezes superior à quantidade de 2000, tendo passado de 8,7 mil para 31,8 mil. Tal número é mais elevado do que a quantidade de habitantes de 69,6% dos municípios do estado de São Paulo (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2021).

Esse acréscimo é muito mais elevado do que o aumento do número de habitantes da cidade, que atingiu apenas 18,2% neste período de 21 anos. Assim, a quantidade de pessoas em situação de rua a cada 100 mil residentes do município passou de 83 para 257. Além disso, ressalta-se que parcela relevante desta variação ocorreu durante a pandemia, pois, na comparação do ano de 2019 com o de 2021, a população em situação de rua passou de 24,3 mil para 31,8 mil na cidade, tendo crescido 31% em apenas dois anos (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2021).

Essa elevação é particularmente preocupante haja vista as grandes vulnerabilidades a que esse grupo está sujeito. Revela muito sobre elas o relatório da Prefeitura (2022) que compila a pesquisa amostral da SMADS de 2021, que procura auferir o perfil socioeconômico desse segmento.

Diversos fatores de vulnerabilidade são sobrerrepresentados nesta população. 70,8% são negros (pretos ou pardos), enquanto esse percentual chega a apenas 37% do total de habitantes da cidade de São Paulo.<sup>2</sup> 71,4% não convivem com familiar algum. Inclusive, a

---

<sup>1</sup> Definição de população em situação de rua foi transcrita do Decreto nº 7053 de 2009 da Presidência da República.

<sup>2</sup> Informação retirada do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

quebra de vínculos familiares é a principal razão para esta população estar em situação de rua, chegando a ser responsável pela condição de 34,7% deles. Outras razões são a dependência de álcool e outras drogas e a perda de trabalho, responsáveis respectivamente pela situação de 29,5% e 28,5% dessas pessoas.

79,4% dessa população recebe renda menor que um salário mínimo, seja advinda de trabalho, mendicância ou auxílio do governo. A principal ocupação exercida é a coleta de materiais recicláveis, que chega a ser praticada por 27% das pessoas em situação de rua da cidade.

No que se refere às condições de saúde, 47,5% relataram apresentar alguma complicação, se destacando hipertensão, doença respiratória e dor crônica. 19% afirmou sofrer de alguma deficiência, sendo, dentro deste grupo, a maioria acometida de deficiências físicas motoras. Ainda, o uso de drogas é intenso entre essa população. 42,3% utiliza diariamente drogas lícitas, tendo o álcool proporção de uso similar à de cigarro. Já 48,3% utiliza drogas ilícitas diariamente, dentre as quais se destacam a maconha e, em menor grau, a cocaína e o craque.

Mais uma dificuldade sofrida por essa população, conforme já abordado na revisão de literatura, é a discriminação e violência. 27,3% afirmaram já ter sido impedidos de adentrar em estabelecimentos de comércio ou serviço, sendo a maior parte deles bares e lanchonetes. Quanto à violência física, 22,7% relevaram já terem sido vítimas de casos graves, como espancamento. Dentro desse grupo, 32,2% dos atores da agressão eram pedestres que passavam pelo local de repouso da pessoa em situação de rua agredida.

Por fim, 9,9% deles não possuem documento de identidade algum, o que impossibilita o acesso a diversos serviços, dentre os quais alguns são serviços públicos que poderiam auxiliá-los a amenizar suas dificuldades.

Percebe-se que, seja nas dimensões de raça, contato com familiares, renda, saúde, discriminação social ou violência, a crescente população em situação de rua da cidade de São Paulo acumula diversas vulnerabilidades. Mostra-se urgente, portanto, aprimorar as políticas públicas direcionadas a ela, o que exige maior entendimento de seu comportamento.

Uma abordagem para entender as necessidades da população em situação de rua ainda pouca tratada pela literatura, mas cujos resultados têm se mostrado frutíferos, é a análise de

sua distribuição espacial intramunicipal. Schor *et al.* (2003) utilizaram dados do primeiro censo dessa população do município de São Paulo, realizado em 2000, para estudar a relação dessa distribuição espacial, observada no nível de distritos municipais, com diversas variáveis socioeconômicas. Foi verificado que a presença desse grupo está positivamente correlacionada com índices de verticalização e com renda *per capita*, mas negativamente correlacionada com população residente no distrito.

Tais resultados foram interpretados como coerentes com determinadas teorias de comportamento da população em situação de rua. A presença de alta verticalização e renda *per capita* indicaria que locais com muitos bares, restaurantes e lojas seriam procurados por esse grupo de pessoas, uma vez que ele consumiria as sobras alimentícias desses estabelecimentos. Já o baixo número de residentes estaria relacionado à baixa circulação de pessoas durante a noite, elemento associado a condições menos precárias de repouso.

No que se refere a cidades de outros países, a de Osaka, terceiro município mais populoso do Japão, foi objeto de diversas pesquisas espaciais sobre população em situação de rua. Dentre elas, se destaca a de Iwata e Karato (2011), que pretende avaliar a existência de “redes da população em situação de rua”, termo criado pelos autores para se referir à formação de grupos de pessoas em situação de rua que interagem entre si. Tais grupos seriam resultantes da utilidade advinda do convívio com outros indivíduos que estão na mesma condição. Parte do benefício é explicado pela troca de informações referentes ao acesso a trabalho e alimento, além da proteção contra pedestres que eventualmente violentem essa população. Ainda, locais com grande concentração de pessoas em situação de rua têm maior chance de receberem campanhas de distribuição de alimento realizadas por organizações da sociedade civil. Assim, há um incentivo às pessoas em situação de rua se acomodarem em locais próximos às concentrações já existentes.

Para testar avaliar a existência de tal fenômeno, os autores regridem a população em situação de rua de cada distrito da cidade contra a defasagem espacial de tal variável, adicionando na regressão também outras variáveis consideradas relevantes. A lógica de tal procedimento similar à da estatística I de Moran que, conforme será explicado, será utilizada no presente trabalho.

Como o coeficiente encontrado associado à defasagem espacial foi positivo e significativo, Iwata e Karato (2011) concluíram que tal fenômeno de fato está presente em

Osaka. O artigo interpreta tal resultado como contrário às políticas policiais de dispersão dessa população, na medida em que a impede de usufruir da utilidade derivada da convivência com os demais que estão na mesma condição.

Percebe-se que a análise espacial da população em situação de rua de fato evidencia seu comportamento e algumas de suas necessidades. Apesar da enorme relevância do problema e dos exitosos resultados obtidos em pesquisas desse gênero, é escassa a literatura que implementa essa abordagem tanto no Brasil quanto em outros países.

Nesse contexto, a presente pesquisa explora essa lacuna ao realizar uma análise espacial da população em situação de rua na cidade de São Paulo. Ademais, destaca-se que o trabalho não só caracteriza sua distribuição ao longo do espaço municipal, como também se debruça sobre a localização dos serviços públicos destinados a essa população, elemento ainda não explorado pela literatura.

Conforme informado em informado em seu *website*,<sup>3</sup> a SMADS possui diferentes unidades na cidade, tais como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o Centro de Referência Especializado de Assistência Social e o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop). A partir delas, pessoas em situação de rua podem solicitar uma vaga em um centro de acolhida.

De acordo com a prefeitura, centros de acolhida oferecem a essas pessoas camas, cobertores, travesseiros, banho, três refeições por dia e serviços direcionados de acordo com a necessidade, como conferência de documentos pessoais, orientação em problemas judiciais, capacitação profissional, rede de estímulo à geração de renda e atividades de lazer e cultura. Eles não são administrados diretamente pela prefeitura, que contrata Organizações da Sociedade Civil (OSCs) para realizar tal atividade. Já o imóvel pode pertencer à prefeitura, à OSC ou ser alugado, sendo comum a locação de hotéis.

Haja vista a importância dessa política pública de atendimento à população em situação de rua, o trabalho estuda a relação das vagas de acolhimento com a localização em população de rua. Assim, verifica-se como a oferta com a demanda por esse serviço público se localiza no espaço, o que pode produzir importantes conclusões formas de aprimorá-lo.

---

<sup>3</sup> Disponível em:

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/menu/index.php?p=17317](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/menu/index.php?p=17317)

O presente relatório está dividido em cinco seções. Após esta breve introdução, a seção 2 apresenta a base de dados utilizada para a pesquisa, assim como a maneira com que tal base foi trabalhada. A seção 3 mostra a metodologia de análise espacial utilizada. A Seção 4 expõe os resultados de tal análise. Por fim, a Seção 5 teve algumas conclusões.

## 2. Base de dados

A principal base utilizada foi a do censo de 2021 da população em situação de rua da cidade de São Paulo. Ele é levantado pela SMADS, tendo ocorrido, nas edições mais recentes, uma parceria com a empresa Qualitest Inteligência em Pesquisa.<sup>4</sup>

Haja vista que esse segmento da população não possui residência fixa e que não é possível aos recenseadores percorrer toda a cidade em apenas um dia, o desenho dessa coleta de dados exige fazer frente ao desafio de evitar erros de contagem. Assim, diversos cuidados foram tomados. No caso do censo de 2021, o município foi dividido em nove grandes regiões, sendo que cada uma delas foi percorrida em apenas um dia. A primeira coleta foi realizada no dia 11 de outubro e a última em 13 de novembro. Cada uma dessas regiões são desenhadas de tal modo que o tráfego de uma pessoa em situação de rua de uma zona para outra seja pouco provável. Isto é, escolhem-se fronteiras que dificultem a movimentação desse segmento, tais como rodovias. Mesmo assim, a pesquisa está sujeita a algumas ocorrências do gênero terem sido observadas.

Ainda com o fim de evitar problemas de contagem, o censo é realizado após às 11 horas da noite, pois a movimentação de pessoas em situação de rua é menor no período noturno. Essa escolha tem como consequência, entretanto, o fato de que por vezes é necessário despertar essas pessoas para realizar a pesquisa. Embora a maioria atenda ao chamado, por vezes há uma recusa à realização do questionário. Ainda, frequentemente há pessoas acordadas, mas incapazes de responder, seja pela embriaguez ou por outro motivo. Nesses dois últimos casos, a pessoa é contabilizada, mas não é realizado o registro completo dos dados socioeconômicos.

---

<sup>4</sup> Foram realizados censos nos anos de 2000, 2003, 2009, 2011, 2015, 2019 e 2021. O site da SMADS, todavia, só disponibiliza em seu *website* os microdados dos dois últimos censos. Foi solicitado à secretaria o acesso a tais dados, a serem utilizados na versão final do presente trabalho.

Os dias de realização do censo foram escolhidos de tal modo que a coleta não fosse realizada em sextas-feiras, finais de semana e dias de chuva, uma vez que o comportamento e a localização dessa população tende a se alterar em razão desses eventos. Embora tal raciocínio seja coerente, isto coloca uma importante ressalva quanto à validade externa dos resultados a serem obtidos: eles se referem aos padrões de comportamento de pessoas em situação de rua apenas durante a noite de dias de semana sem chuva, nada sendo possível inferir sobre esses padrões em outros momentos.

Entre as principais variáveis coletadas, se destacam a situação de pessoa enquanto residida em centro de acolhida ou na rua e seu tempo de permanência na rua. Ainda, há as variáveis que indicam a localização: subprefeitura, distrito, latitude e longitude. Esses dois últimos elementos possuem precisão de sete casas decimais.

Com base nesses dados do censo, foi utilizado o *software* QGIS para agregar espacialmente as informações das pessoas em situação de rua. Tal agregação ocorreu no nível dos distritos, unidade territorial utilizada pela Prefeitura para organizar a prestação de serviços dentro de cada subprefeitura.

Contudo, conforme será visto, a população em situação de rua da cidade está muito concentrada em poucos distritos, de modo que a sua análise nesse nível de granularidade pode não ser suficiente. Por esse motivo, os dados foram agregados também a nível de setores censitários, unidade territorial utilizada no processo de recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A título de comparação, a cidade de São Paulo possui 96 distritos, mas 27.411 setores censitários.

Além dos dados do censo, também foram utilizadas informações referentes aos centros de acolhida da cidade. Foi obtido junto à Prefeitura, por meio do seu Portal de Acesso à Informação, o endereço, a modalidade e a capacidade de atendimento de cada um deles. Com base no aplicativo *Google Maps*, foi possível obter as coordenadas de cada endereço, para assim geolocalizá-los na cidade. Quanto à modalidade, eles se dividem entre centros de acolhida para adultos, repúblicas e centros de acolhida especiais. Esses últimos são voltados para públicos específicos, como mulheres, imigrantes e transexuais.

No que se refere à capacidade de atendimento, foram obtidas as seguintes variáveis: “vagas regulares”; “vagas acrescidas na Operação Baixas Temperaturas (OBT)”; “vagas acrescidas na pandemia”; “total de vagas na situação de emergência”, que corresponde à soma

das anteriores; “vagas de dia” e “vagas de noite”. A OBT é uma política pública municipal iniciada durante o inverno de 2022 que, entre outras ações, elevou o número de vagas disponíveis durante a noite em centros de acolhida.

Percebeu-se algumas inconsistências nesses dados, como o fato de que diversos centros estavam sem vaga alguma tanto para o dia quanto para a noite, mas o total de vagas era positivo. Em outros casos, o total de vagas era a soma das vagas de dia com as vagas de noite.

Foi realizado o contato com a SMADS para esclarecer as inconsistências. O órgão municipal explicou que os centros de acolhida para adultos e as repúblicas possuíam apenas vagas integrais, indicadas na variável “total de vagas na situação de emergência”, enquanto os centros de acolhida para adultos possuíam, em geral, mais vagas para a noite do que para o dia, de modo que neste caso foi feita a desagregação do total de vagas entre as vagas de cada período. Além disso, em tal ocasião, o órgão detectou e corrigiu alguns erros nos dados enviados, afirmando que, como seu preenchimento é manual, eventualmente pode haver alguns erros.

Frente aos esclarecimentos, um conjunto de procedimentos foi aplicado aos dados de modo a se obter o número efetivo de vagas em cada centro de acolhida. Afinal, deseja-se saber o número de pessoas que a SMADS consegue atender em determinado período, de modo que a disponibilidade para atender uma pessoa tanto durante o dia quanto durante a noite, por exemplo, deve ser contabilizada como uma, e não duas vagas. Além disso, de tal modo que a base seja compatível com o censo realizado no último trimestre de 2021, foi necessário retirar as vagas correspondentes à OBT, já que tal política pública ainda não estava ativa nessa época.

Portanto, o número de vagas efetivo de cada centro de acolhida foi obtido de maneira diferente para cada modalidade. No caso dos centros de acolhida para adultos, considerou-se as “vagas de noite” – que, por serem em maior número que as diárias, correspondem na verdade a vagas integrais nesse caso – deduzidas das “vagas OBT”, já que corresponderam a um aumento do número de vagas durante a noite ocorrido após o último censo. Já no caso dos centros de acolhida especiais e das repúblicas, em que as vagas contabilizadas já são integrais, considerou-se as “vagas regulares” acrescidas das “vagas acrescidas na pandemia”, já que, conforme confirmado pela SMADS, estas últimas vagas estavam ativas no último trimestre de 2021. Ainda, em três dos centros foram realizados procedimentos mais específicos, já que se

tratam de exceções, conforme informado pela SMADS.

Tal processo resultou em um número total de 14.492 vagas, correspondente ao total de pessoas que a SMADS era capaz de atender no último trimestre de 2021. Ressalta-se que o simples uso da metodologia da SMADS, por meio da subtração do “total de vagas na situação de emergência” pelas “vagas acrescidas na OBT”, resulta em 24.142 vagas. Percebe-se, portanto, a enorme relevância de realizar tal transformação nos dados. Uma reportagem de 2020 do site *Fiquem sabendo* inclusive denuncia tal maneira como a prefeitura contabiliza vagas, afirmando que ela “infla os números”<sup>5</sup>. Embora a reportagem não relate o procedimento exato de transformação dos dados, seu relato é coerente com os resultados obtidos no presente trabalho: prefeitura relatava mais de 24 mil vagas, enquanto na verdade só seria possível atender a 14 mil pessoas.

Uma vez realizado todo esse procedimento, o QGIS permite geolocalizar as vagas dos centros de acolhida e agregá-los a nível distrital. Todavia, o interesse do presente trabalho é estudar não só a capacidade total de atendimento da prefeitura, mas também sua capacidade ociosa. Isto é, objetiva-se localizar onde há vagas disponíveis, em que mais pessoas poderiam ser acolhidas. Para tanto, subtraiu-se do total de vagas de cada distrito o seu número de pessoas acolhidas.

Tal procedimento possui algumas limitações. Em primeiro lugar, ressalta-se que, conforme mencionado, alguns centros de acolhida são voltados para públicos específicos, tais como mulheres, famílias e pessoas trans. Portanto, uma quantidade de vagas totais maior que a quantidade de pessoas acolhidas pode não implicar que as vagas disponíveis sejam adequadas a qualquer pessoa em situação de rua que procure acolhimento.

Segundo, 24 dos distritos possuem número de pessoas acolhidas superior à sua quantidade total de vagas.<sup>6</sup> Tal elemento demonstra incongruência entre as bases de dados. Uma explicação para essa incongruência seria a eventual existência de certa imprecisão nos dados fornecidos pela Prefeitura relativos aos centros de acolhida. Conforme relatado, a SMADS construiu tais dados manualmente para fazer frente à solicitação de informação, de

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://fiquemsabendo.com.br/habitacao/gestao-covas-dados-inflados-de-vagas-em-albergues/>. Acesso em: 26/11/2022.

<sup>6</sup> São os distritos de: Água Rasa, Aricanduva, Butantã e Cidade Tiradentes, Campo Belo, Capão Redondo, Casa Verde, Ermelino Matarazzo, Grajaú, Itaim Paulista, Jaçanã, José Bonifácio, Liberdade, Mooca, Parelheiros, Penha, Pinheiros, São Mateus, São Miguel, Saúde, Tucuruvi, Vila Guilherme, Vila Jacuí e Vila Matilde.

modo que havia alguns erros na planilha enviada. É possível, portanto, que existam outros deles, não detectados pela SMADS na ocasião de contato.

Outra possibilidade é que o ajuste de retirar as vagas relativas à OBT não tenha sido suficiente para corrigir a diferença temporal entre as duas bases de dados. Ou seja, é possível no período entre o último trimestre de 2021 e o último trimestre de 2022 tenha ocorrido outras mudanças nas vagas de acolhimento que não somente aquelas relativas à OBT.

De todo modo, em apenas cinco dos 28 distritos em que ocorreu a incongruência a diferença entre as variáveis foi superior a 100, o que mostra que, com os devidos cuidados de interpretação dos resultados, ainda é possível construir a variável de vagas disponíveis da maneira como foi exposto. Para manipular tal variável, assumiu-se que o número de vagas disponíveis é de zero, ou seja, que a capacidade de atendimento da Prefeitura neles está esgotada.

Em resumo, as informações foram espacialmente agregadas de tal modo a construir as seguintes variáveis:

- Pop\_ rua21: quantidade de pessoas em situação de rua em cada distrito no momento da realização do censo de 2021;
- PSR\_na\_ rua: quantidade de pessoas em situação de rua que não estava em centros de acolhida em cada distrito no momento da realização do censo de 2021;
- PSR\_ acolhida: quantidade de pessoas em situação de rua que estava acolhida em cada distrito no momento da realização do censo de 2021;
- Acolhido%: porcentagem das pessoas em situação de rua em cada distrito que estava em centros de acolhida;
- Tempo\_ def%: porcentagem das pessoas em situação de rua em cada distrito que afirmou saber definir a quanto tempo está nessa condição;
- Tempo\_ med: mediana do tempo em situação de rua das pessoas que souberam defini-lo dentro do distrito;
- >2anos%: porcentagem da população em situação de rua da unidade territorial que está nessa condição há mais de dois anos;
- Vagas totais: número de vagas nos centros de acolhida existentes no distrito em novembro de 2021;
- Vagas disponíveis: variável “vagas totais” deduzida da variável “PSR\_ acolhida”;

### 3 Metodologia

Uma vez construída a base de dados de distritos e setores censitários no QGIS, sua análise foi realizada com o uso do *software* Geoda. Ela consistiu em, inicialmente, realizar uma breve familiarização com os dados por meio da visualização espacial dos distritos e setores censitários classificados de acordo com a quantidade de pessoas em situação de rua que cada um abrange.

Após tal processo, inicia-se a análise estatística dos dados espaciais. Em última instância, ela pretende avaliar qual a relação entre a população em situação de rua, suas eventuais aglomerações e a oferta e demanda de centros de acolhida. Para tanto, diversas etapas de transformação dos dados foram necessárias.

Primeiramente, foi construída uma matriz de pesos espaciais. Conforme explica Almeida (2012), as linhas e colunas desse tipo de matriz representam as unidades espaciais – no caso, os distritos – e seus elementos indicam o grau de conexão entre o local indicado pela linha e aquele indicado pela coluna. No caso da presente análise, optou-se por expressar o grau de conexão por meio da distância entre os centroides dos distritos. Desta maneira, distritos próximos podem possuir um elevado grau de conexão mesmo que não sejam contíguos.

Contudo, foi imposta a distância de 11,7 km como a máxima que dois distritos conectados podem apresentar. Ou seja, distritos com centroides a menos de 11,7 km são considerados conectados, e o grau de conexão é ponderado pela distância. Tal valor foi escolhido por ser a menor distância entre dois distritos, correspondente àquela que separa Parelheiros de Marsilac.

Esse tipo de matriz é muito importante em análises espaciais. A partir de uma operação de pré-multiplicação, ela transforma uma variável de interesse na defasagem espacial de tal variável, isto é, no valor apresentado por ela nas proximidades de cada unidade espacial. No caso, tal processo permite obter a variável “população em situação de rua nos distritos próximos”.

A partir da defasagem espacial de uma variável, é possível estudar a correlação dessa defasagem com outras variáveis. A estatística *I de Moran* representa uma maneira de medir tal

correlação. Formalmente, ela é indicada por (ALMEIDA, 2012):

$$I = \frac{n}{S_0} \frac{p'Wx}{p'p} \quad (1)$$

em que  $n$  é o número de distritos,  $p$  é a variável “Pop\_ rua21” padronizada,  $W_{n \times n}$  é a matriz de pesos espaciais,  $x$  é alguma outra variável de interesse e  $S_0$  indica a somatória de todos os elementos da matriz de pesos espaciais. Percebe-se que o numerador da estatística indica uma medida de covariância entre a variável  $p$  e a defasagem espacial de  $x$ . Ao se dividir tal termo pela variância de  $p$ , indicada por  $p'p$ , obtém-se, uma medida de correlação espacial entre  $p$  e  $x$ .

No presente trabalho, utiliza-se como variável  $x$  diferentes variáveis relacionadas a capacidade de atendimento da SMADS. Em outros casos,  $x$  é a própria variável  $p$ , de modo que a estatística mostra a autocorrelação espacial de  $p$ .

De tal modo a se verificar a significância estatística do *I de Moran*, deve-se redistribuir aleatoriamente os valores da variável de interesse pelas unidades espaciais. Deve-se realizar esse processo diversas vezes e, para cada uma delas, calcula-se a referida estatística. Dessa maneira, observa-se qual seria a distribuição de *I de Moran* sob a hipótese nula de os dados serem distribuídos de maneira aleatória no espaço. A partir da posição da estatística *I de Moran* dos dados não-aleatorizados nessa distribuição, é possível obter o seu p-valor e, assim, a sua significância estatística.

Pode-se verificar também a autocorrelação espacial de maneira local. Para isto, foi utilizado o *I de Moran Local* (ALMEIDA, 2012):

$$I_i = x_i \sum_{j=1}^n w_{ij} p_j \quad (2)$$

onde  $i$  representa um distrito específico que está sendo avaliado,  $p_i$  e  $x_i$  representam as variáveis  $x$  e  $p$  no distrito  $i$ ,  $j$  representa cada um dos demais distritos, e  $w_{ij}$  representa o elemento da matriz  $W$  na linha  $i$  e coluna  $j$ . Percebe-se que o termo  $\sum_{j=1}^n w_{ij} p_j$  representa a defasagem espacial de  $p$  no distrito  $i$ , de modo que a estatística *I de Moran Local* mostra a multiplicação entre  $x$  em determinado distrito e  $p$  nos distritos vizinhos.

Da mesma forma que ocorre com o *I de Moran* global, pode-se verificar o nível de significância dessa estatística local. Para isto, são redistribuídos aleatoriamente os valores de

$p$  em todas as unidades espaciais, à exceção da  $i$ , diversas vezes. Para cada nova configuração, calcula-se a referida estatística. A partir desse processo, sabe-se qual seria a distribuição da estatística *I de Moran Local* do distrito  $i$  sob a hipótese nula de os dados de os demais distritos estarem distribuídos no espaço de maneira aleatória. Assim, pode-se verificar o seu p-valor e a sua significância estatística.

No caso da população em situação de rua, é possível interpretar um distrito com *I de Moran Local* estatisticamente significativa como um distrito em que há evidência estatística de que a relação – positiva ou negativa – entre essa sua população e a população dos distritos próximos não ocorre por mera distribuição aleatória dos dados espaciais.

A correlação entre  $p$  e  $x$  defasado, que corresponde ao *I de Moran Global*, pode ser estudada também por meio de um gráfico com  $p$  no eixo das abscissas e  $x$  defasado no eixo das ordenadas. Como as variáveis estão padronizadas, esses eixos passam pelo valor médio de  $p$  e de  $x$  defasado, segregando os dados quatro quadrantes. Ainda, pode-se verificar em qual deles estão cada um dos distritos que possuem *I de Moran Local* estatisticamente significativa. Assim, pode-se identificar o mapa de *clusters*, em que tais distritos são classificados em alguma das seguintes categorias (ALMEIDA, 2012)::

- Alto-alto: locais da cidade com elevada quantidade de  $p$  e de  $x$ ;<sup>7</sup>
- Alto-baixo: distritos com elevada quantidade de  $p$  próximos de distritos com pequena quantidade de  $x$ ;
- Baixo-alto: distritos com pequena quantidade de  $p$  próximos de distritos com elevada quantidade de  $x$ ;
- Baixo-baixo: locais da cidade com pequena quantidade de  $p$  e de  $x$ .

Por fim, para além das estatísticas de correlação espacial, outro indicador será necessário para estudar a distribuição de vagas de acolhimento ao longo da cidade: o Índice de Acessibilidade. Conforme elaborado inicialmente por Hansen (1959) e retomado por Haddad e Almeida (2012):

$$A_i = \sum_{c=1}^n \frac{v_i}{d_{ic}} \quad (3)$$

---

<sup>7</sup> Entende-se “elevada” (ou “pequena”, nos demais itens) como uma quantidade de  $p$  e de  $x$  tal que a estatística *I de Moran Local* dos distritos em questão é estatisticamente significativa.

onde  $i$  representa um distrito específico que está sendo avaliado,  $c$  representa um determinado centro de acolhida,  $v_i$  representa a variável “vagas totais” em  $c$  e  $d_{ic}$  é a distância entre o centroide do distrito  $i$  e a localização do centro de acolhida  $c$ . Percebe-se que, tanto mais próximo o distrito aos centros de acolhida e tanto maior a quantidade deles, maior seu Índice de Acessibilidade. Nesse sentido, tal indicador permite comparar quais distritos tem maior acesso ao serviço de acolhimento.

## 4 Análise espacial

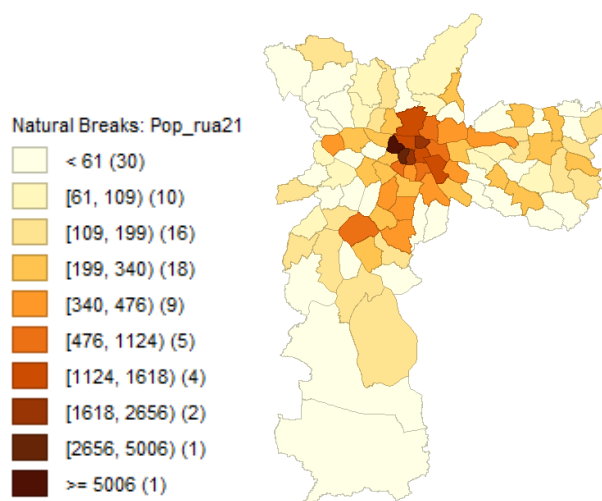
Esta seção tem o objetivo de analisar os dados espaciais da população em situação de rua e dos centros de acolhida. A Subseção 4.1 analisa a distribuição dessa população no espaço da cidade, com foco em avaliar qual a sua porção que está acolhida. A Subseção 4.2 verifica como a oferta pelo serviço de acolhimento se distribui na cidade. A Subseção 4.3 estuda como tal oferta se relaciona no espaço com a presença da população em situação de rua, assim buscando inferir em que medida a prefeitura está adotando estratégias adequadas para atendê-la.

### 4.1 Quantidade e acolhimento das pessoas em situação de rua

O Quadro 1 permite visualizar a distribuição espacial da população em situação de rua de acordo com o distrito em que está localizada.

Foi verificado que os três distritos que aparecem de coloração próxima à negra no mapa são os da Sé, com 2.149 pessoas em situação de rua, da República, com 2.656, e da Santa Cecília, com 5.006. Ou seja, mesmo dentro desse núcleo com elevada concentração de pessoas em situação de rua, há um distrito cuja concentração é ainda maior, possuindo quase o dobro do contingente dos outros dois. Apenas esses três distritos representam 35,9% das 31.877 pessoas em situação de rua da cidade de São Paulo.

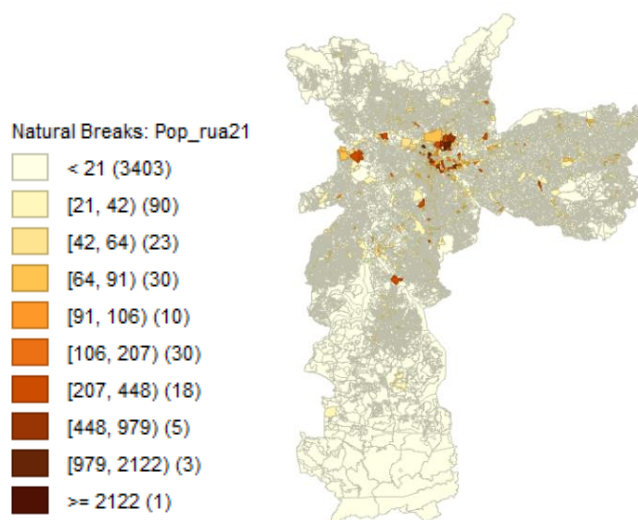
QUADRO 1: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NOS DISTRITOS DA CIDADE DE SÃO PAULO



Na legenda, os primeiros números indicados mostram qual o intervalo de quantidade de pessoas em situação de rua que está sendo representado por cada cor. Já os números entre parênteses mostram a quantidade de distritos englobada por cada intervalo. Elaboração própria com base nos dados do censo realizado pela SMADS.

Para melhor visualizar a distribuição da população no interior desses distritos com elevadíssima população em situação de rua, estudou-se também a distribuição dessa população no nível de setores censitários. Conforme mostra o QUADRO 2:, mesmo no interior desses distritos há locais específicos em que a população está concentrada.

QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NOS SETORES CENSITÁRIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO



Na legenda, os primeiros números indicados mostram qual o intervalo de quantidade de pessoas em situação de

rua que está sendo representado por cada cor. Já os números entre parênteses mostram a quantidade de distritos englobada por cada intervalo. Elaboração própria com base nos dados do censo realizado pela SMADS.

Alguns dos setores censitários destacados em cores mais escuras representam simplesmente centros de acolhida, nos quais a concentração de pessoas em situação de rua é evidente. Todavia, em diversos outros casos, os setores destacados representam logradouros em que pessoas em situação de rua estão concentradas. Verificou-se no *Google Maps* pontos de referência próximos aos centroides desses setores, de modo a verificar qual o provável local específico em que as concentrações estão instaladas.

No caso da Santa Cecília, os locais em que a população está mais concentrada são o Largo Coração de Jesus, em que há 2.122 pessoas; e a Praça Princesa Isabel, com 521 pessoas. Tais locais são de ocupação tradicional da chamada Cracolândia, em que usuários e pequenos traficantes de craque se instalam (ALVES, PEREIRA, 2021).

Na República, destaca-se a Praça da República, com 448 pessoas. Todavia, há um centro de acolhida no local que acolhe 46% desse montante. Já na Sé, a Praça da Sé é a maior concentração, com 514 pessoas, seguida do Pátio do Colégio, com 228 pessoas. Na Zona Oeste da cidade, uma elevada concentração é a que fica ao redor da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), na Vila Leopoldina. Nesse local, há 280 pessoas, estando 25% delas no centro de acolhida próximo ao local. Por fim, há a concentração do Parque das Bicicletas do distrito de Moema, abaixo do Parque Ibirapuera, em que há 241 pessoas

Essa considerável concentração espacial dessa população sugere a existência das redes às quais Iwata e Karato (2011) se referem. Ou seja, as pessoas em situação de rua parecem estar deliberadamente se concentrando umas próximas das outras, assim se instalando nas concentrações já existentes em praças e outros logradouros da cidade.

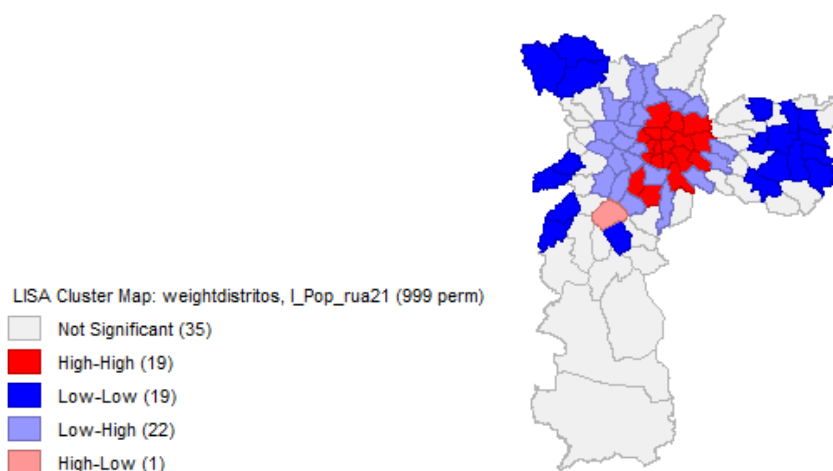
Para confirmar a não aleatoriedade do padrão concêntrico da população em situação de rua, foi utilizada a estatística *I de Moran*. Haja vista a elevada quantidade de setores censitários com quantidade nula de pessoas em situação de rua, tal exercício foi realizado utilizando a granularidade de distritos.

Observou-se que a autocorrelação espacial é baixa, de apenas 0,079. Contudo, o desvio padrão dessa estatística é de apenas 0,0024, de modo que o p-valor também é muito pequeno, valendo 0,008. Portanto, há autocorrelação espacial positiva e estatisticamente

significante ao nível de significância de 1%. Em outras palavras, há evidência de que as pessoas em situação de rua se distribuem no espaço municipal de maneira não aleatória, tendendo a se concentrar em distritos próximos dos distritos em que as demais estão.

Verificou-se também a autocorrelação espacial local. O QUADRO 3 mostra o mapa de *clusters* da população em situação de rua, em que foi utilizado o nível de significância de 5%.

QUADRO 3: *CLUSTERS* DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO



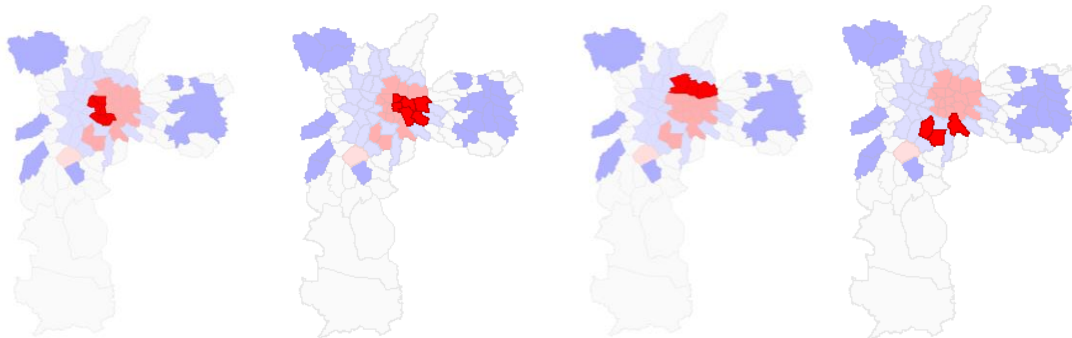
Na legenda desse e dos demais mapa de *clusters*, os números entre parênteses mostram a quantidade de distritos englobada por cada cor. “High-high” é o grupo Alto-alto; “Low-low” é o Baixo-baixo; “Low-high” é Baixo-alto e “High-low” é o Alto-baixo. Elaboração própria com base nos dados do censo realizado pela SMADS.

A região vermelha na região central na cidade, correspondente ao grupo Alto-alto, pode ser interpretada como um local em que a população em situação de rua se concentra, possuindo distritos com elevada quantidade dessa população cercados por distritos que também apresentam essa elevada quantidade. Esse grupo abrange distritos do Centro, da Zona Leste, da Zona Norte e da Zona Sul. O QUADRO 4 mostra a divisão dos *clusters* por região da cidade, conforme a seguinte lista:

- Centro: Cambuci, Sé, República, Santa Cecília, Bom Retiro, Liberdade e Bela Vista. Tais distritos são todos os do Centro, com exceção do distrito da Consolação;
- Zona Sul: Moema, Saúde e Ipiranga;
- Zona Leste: Água Rasa, Mooca, Pari, Tatuapé, Belém e Brás. Tais distritos são todos aqueles dentro da subprefeitura da Mooca;

- Zona Norte: Santana, Vila Maria e Vila Guilherme.

QUADRO 4: *CLUSTER* ALTO-ALTO DE POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DIVIDIDO POR REGIÃO



Os mapas mostram, da esquerda para a direita, os distritos do *cluster* Alto-alto do Centro, da Zona Leste, da Zona Norte e da Zona Sul. Elaboração própria com dados do censo realizado pela SMADS.

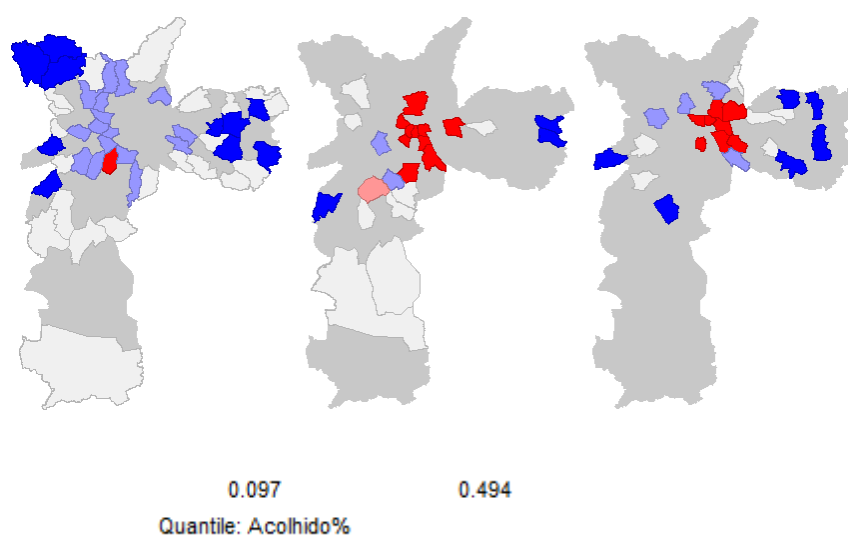
Esse grupo não corresponde necessariamente aos distritos cuja quantidade de pessoas em situação de rua é mais elevada – conforme visto, os distritos de Santa Cecília, Sé e República possuem população muito mais elevada que todos os demais – mas sim à região da cidade onde a população em situação de rua apresenta um padrão de concentração. Ainda, a população pertencente a essa concentração não está em contato direto entre si, estando na verdade, conforme visto, isolada em praças e locais bem delimitados.

Mesmo assim, a existência de tal *cluster* a nível distrital evidencia que a população em situação de rua tende a se concentrar em pontos localizados na região central da cidade. Isso pode ser interpretado como uma evidência de que essa região possui características propícias à estadia dessa população. Tais características já foram observadas pela literatura da área anteriormente. Como mencionado, Schor *et al.* (2002), por exemplo, verificam que a presença de muitos bares, restaurantes e lojas no centro de São Paulo atrai tal população, que pode utilizar das sobras alimentícias desses estabelecimentos. Ainda, a baixa circulação de pessoas durante a noite estaria associada a condições de repouso menos precárias.

Destaca-se, ainda, que há apenas um distrito do tipo Alto-baixo: o de Santo Amaro, na Zona Sul. Ou seja, esse é o único distrito que possui, de maneira estatisticamente significativa, elevada população em situação de rua cercado por distritos que possuem baixa quantidade dessa população. Verificou-se que as pessoas nessa condição desse distrito estão espalhadas por diversos pontos, como a Praça Floriano Peixoto, a saída da Estação Largo Treze e a saída do Pão de Açúcar Washington Luís.

Em seguida, dividiu-se o mapa de *clusters* de acordo a porcentagem de acolhimento da população de cada distrito, conforme o QUADRO 5. Para a clivagem, utilizou-se os valores de 1% e 49% – correspondentes a dois dos quartis da porcentagem de acolhimento. O outro quartil é o de valor de zero, que se optou por não evidenciar no mapa, por ser muito próximo de 1%.

QUADRO 5: *CLUSTERS* DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DIVIDIDOS POR PORCENTAGEM DE ACOLHIMENTO



Elaboração própria com dados do censo realizado pela SMADS.

No intervalo entre 0 e 1%, de acolhimento nulo, se destaca o distrito de Moema do *cluster* Alto-Alto. Como mencionado, nesse distrito está a concentração do Parque das Bicicletas. Já o intervalo de acolhimento não-nulo, mas abaixo de 50%, engloba todo o Centro da cidade que é do *cluster* Alto-alto, com exceção dos distritos de Bom Retiro e Liberdade. Além disso, esse intervalo abrange os distritos de Saúde e Ipiranga da Zona Sul; os distritos de Brás e Tatuapé da Zona Leste; e o distrito de Santana da Zona Norte. Ademais, está nesse intervalo o único distrito Alto-baixo, de Santo Amaro.

Por fim, o intervalo de acolhimento relativamente elevado, acima de 50%, abrange principalmente a Zona Leste: Água Rasa, Mooca, Pari e Belém. Além disso, engloba os distritos de Bom Retiro e Liberdade, que são do Centro; e de Vila Maria e Vila Guilherme, que são da Zona Norte.

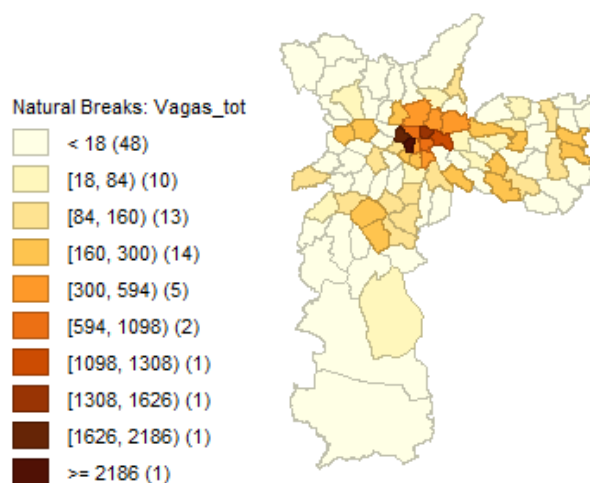
Em resumo, o Centro se caracteriza quase inteiramente por distritos do *cluster* Alto-alto. Assim como os distritos da Zona Sul que são desse *cluster*, eles apresentam acolhimento

pequeno. Destaca-se o caso de Moema, em que nenhuma das pessoas em situação de rua está acolhida. Além disso, a Zona Sul também abrange o distrito de Santo Amaro, único Alto-baixo, que também é caracterizado por baixo acolhimento. Já os distritos Alto-alto da Zona Norte e principalmente da Zona Leste expõe um acolhimento relativamente elevado em grande parte de seus distritos.

## 4.2 Oferta de vagas de acolhimento

A oferta total de vagas de acolhimento em cada distrito da cidade é medida pela variável “vagas totais”. No agregado da cidade de São Paulo, há 14.192 delas, ofertadas pelos 142 centros de acolhida. A sua distribuição espacial é exposta no QUADRO 6.

QUADRO 6: DISTRIBUIÇÃO DAS VAGAS DE ACOLHIMENTO NOS DISTRITOS DA CIDADE DE SÃO PAULO



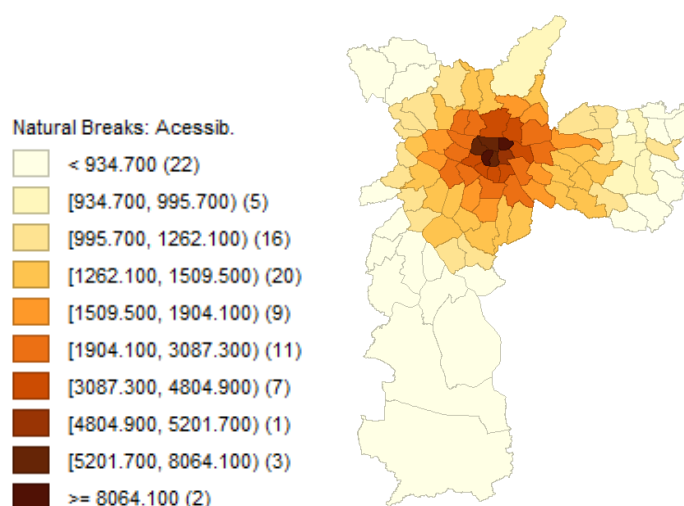
Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela Prefeitura em seu Portal de Acesso à Informação.

Percebe-se clara concentração de vagas na região central da cidade. O distrito com maior número delas é o da República, com 2.186. Em seguida, há o de Santa Cecília, com 1.626; o de Pari, com 1.308; e o de Belém, com 1.098. Destaca-se o número de vagas da Sé, de apenas 361, que é pequeno comparativamente à sua proporção na população em situação de rua na cidade. Ainda, há algumas regiões mais afastadas do centro com significativo número de vagas, como Santo Amaro, com 240; Vila Leopoldina e Guaianases, com 220 cada; Penha, com 210; e Arthur Alvim, com 200.

Todavia, é relevante avaliar não apenas a quantidade de vagas de acolhimento em determinado distrito, mas também a proximidade desse distrito com centros de acolhida em distritos vizinhos. Afinal, uma pessoa em situação de rua que solicita uma vaga de acolhimento à SMADS será alocada no centro de acolhida mais próximo que possuir uma vaga adequada a sua demanda, que eventualmente será localizado em outro distrito. Portanto, deve-se considerar um distrito com poucas vagas próprias, mas próximo de distritos com muitas vagas, como um distrito com certo acesso ao serviço de acolhimento.

Por essa razão, a oferta total de vagas de acolhimento é avaliada utilizando o Índice de Acessibilidade explicado na Seção 3, em que a pontuação de um distrito é determinada tanto pela sua quantidade de vagas quanto pela dos distritos próximos. O QUADRO 7 mostra o valor desse Índice para cada distrito.

QUADRO 7: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO ÍNDICE DE ACESSIBILIDADE NOS DISTRITOS DA CIDADE DE SÃO PAULO



Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela Prefeitura em seu Portal de Acesso à Informação.

Percebe-se o claro padrão concêntrico do Índice, com as periferias da cidade apresentando valores pequenos. Os dois distritos com maior acessibilidade são os de Pari e República, respectivamente com 9.372 e 8.064. Todos os demais possuem acessibilidade significativamente menor, com menos de 6 mil. Entre eles, os com maior índice são os de Santa Cecília, Bom Retiro, Sé, Brás e Bela Vista.

### 4.3 Comparação de oferta com demanda por acolhimento

Objetiva-se também comparar as vagas de acolhimento com a presença da população em situação de rua. Tal exercício permite verificar em que medida a prefeitura é capaz de atender à demanda potencial por acolhimento em cada região da cidade. Entende-se, afinal, que a pessoa em situação de rua que desejar ser acolhida prefira por ser direcionada a um centro mais próximo ao local em que já está instalada, já que pode possuir vínculos com a localidade. De fato, de acordo com a pesquisa amostral realizada pela SMADS, 65% das pessoas em situação de rua afirmaram ter se mantido no local em que se instalou na rua pela primeira vez. Dos demais 35%, uma das razões mais comuns é justamente a oferta de vagas da rede assistencial.

Ressalta-se que, considerando todo o município de São Paulo, há 31,8 mil pessoas em situação de rua, mas apenas 14,9 mil vagas, de modo que a prefeitura é atualmente incapaz de acolher a toda essa população simultaneamente. Contudo, o exercício de comparação do número de vagas com a população em situação de rua em cada local permite verificar como a relação entre essas variáveis ocorre no território, verificando regiões em que a capacidade de acolher à demanda local é maior, e outras em que é menor.

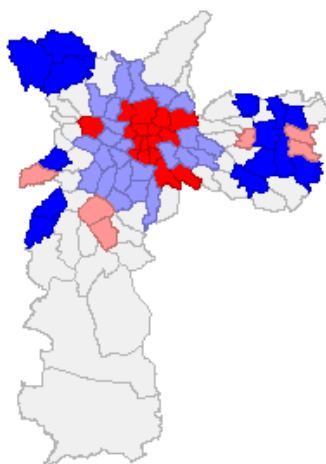
Ainda, apesar da existência de 14,9 mil vagas ofertadas, destaca-se que há apenas 12,5 mil pessoas em situação de rua acolhidas na cidade de São Paulo. Assim, há capacidade ociosa na rede assistencial da prefeitura. Nesse sentido, a comparação da oferta com a demanda por acolhimento em cada local tem também o objetivo de verificar se tal capacidade está ociosa porque está mal distribuída no espaço, assim não sendo capaz de atender adequadamente à demanda; ou se não há demanda suficiente para ela. Caso presente, tal demanda reduzida poderia ser explicada, entre outros motivos, pela desinformação da população quanto à existência do serviço ou pela eventual baixa qualidade de alguns centros de acolhida.

Para verificar tal relação, foi utilizada a estatística *I de Moran* bivariada. Mais especificamente, foi realizada a correlação entre a quantidade de vagas e a população em situação de rua espacialmente defasada. O valor encontrado da estatística é relativamente baixo, de 0,07. Contudo, é estatisticamente significativa ao nível de 1%. Portanto, há evidência estatística de que distritos com maior população em situação de rua estão próximos de distritos com mais vagas. Uma possível interpretação para esse resultado é que a oferta de vagas da prefeitura seja, ao menos no conjunto da cidade, bem alocada, já que localizada próxima da

população que pretende atender.

O uso do *I de Moran Local* permite verificar como essa relação ocorre em cada distrito da cidade. O QUADRO 8 apresenta o mapa de *clusters* ao nível de significância de 5%.

QUADRO 8: *CLUSTERS* QUE RELACIONAM A QUANTIDADE DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA ÀS VAGAS DE ACOANHIMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO



Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela Prefeitura em seu Portal de Acesso à Informação.

Percebe-se que há uma região mais próxima do centro da cidade em que predomina tanto maior população em situação de rua quanto maior oferta de vagas. Esse resultado já era, de certo modo, esperado, já que se verificou um padrão fortemente concêntrico para cada uma dessas duas variáveis estudadas.

Esse *cluster* Alto-alto engloba todos os distritos do *cluster* Alto-alto apresentado na Subseção 4.1, referente à autocorrelação espacial da população em situação de rua. Contudo, o *cluster* Alto-alto da presente correlação é mais amplo, abrangendo também alguns distritos mais a sul e a oeste, o que reflete a maior quantidade de vagas nesses distritos, conforme observado no QUADRO 6.

Pode-se relacionar esse *cluster* Alto-alto com as diferentes porcentagens de acolhimento que foram expostas na Seção 4.1. Os distritos da Zona Leste desse *cluster*, além de possuir maior população em situação de rua e maior acesso a vagas, tem tal acesso refletido, em boa medida, em efetivo acolhimento da população. Já no caso do Centro e da Zona Sul, embora haja maior quantidade dessa população e maior acesso a vagas, tal acesso não se reflete

tanto em efetivo acolhimento. É possível que isto ocorra por uma diferença no perfil dessa população, caso tenha menor propensão a ser acolhida; por uma diferença no perfil nos centros de acolhida, caso sejam menos atraentes; ou simplesmente por haver maior quantidade de pessoas em situação de rua no Centro da cidade, de modo que mesmo um maior acesso a vagas não é capaz de acolher a todos. A verificação de qual dessas alternativas é mais adequada pode ser realizada a partir do estudo da quantidade de vagas disponíveis em cada distrito, o que será realizado a seguir.

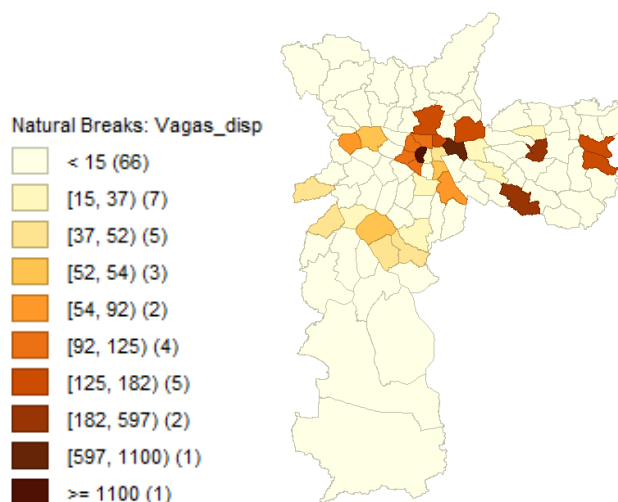
Destaca-se ainda o distrito de Vila Leopoldina na Zona Oeste, que possui maior quantidade de vagas e está cercado por distritos com maior população em situação de rua. Conforme já mencionado, tal distrito abrange a concentração de pessoas ao redor do Ceagesp.

Por fim, há diversos distritos mais próximos às periferias que são do grupo Alto-baixo. Ou seja, são distritos com elevada quantidade de vagas cercados por distritos com reduzida população em situação de rua. Tais locais se mostram regiões em que os centros de acolhida estão mal alocados, já que não há tanta demanda por acolhimento nelas. Possivelmente, são locais em que há maior capacidade ociosa da prefeitura. Esses distritos são os de: Santo Amaro e Campo Grande, na Zona Sul; Raposo Tavares, na Zona Oeste; e Arthur Alvim, Guaianases e Lajeado, na Zona Leste.

Para aprofundar o entendimento da relação entre oferta e demanda e esclarecer as ambiguidades mencionadas, estudou-se também a variável “vagas disponíveis”. Em que pese o fato de o Índice de Acessibilidade ser mais adequado para avaliar a oferta de vagas, não foi possível construí-lo para o caso das vagas disponíveis. Para tanto, seria necessário a quantidade de pessoas acolhidas em cada centro de acolhida, informação não disponível nas bases de dados. Por isso, estudou-se diretamente a variável “vagas disponíveis”. O QUADRO 9 expõe a distribuição dessas vagas.

Percebe-se que o mapa de fato auxilia no esclarecimento das questões levantadas. Em primeiro lugar, verifica-se que há elevada capacidade ociosa na região central da cidade. O distrito da República é o que possui a maior quantidade de vagas disponíveis, com 1.100; seguido de Belém, com 597. Há também outros distritos de localização mais central com maior quantidade de vagas disponíveis – próxima a 100 – como Santana, Vila Maria, Pari, Bom Retiro, Consolação, Santa Cecília e Bela Vista. Na Zona Oeste, a Vila Leopoldina, que pertence ao grupo Alto-alto do QUADRO 8, também possui capacidade ociosa.

QUADRO 9: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS VAGAS DE ACOLHIMENTO DISPONÍVEIS NA CIDADE DE SÃO PAULO



Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela Prefeitura em seu Portal de Acesso à Informação.

Desse modo, a região central da cidade possui elevada concentração de população em situação de rua, sendo que, mesmo nos locais em que essa população se encontra majoritariamente na rua, há vagas de acolhimento disponíveis. Portanto, essa população parece pouco propensa a utilizar esse serviço público.

Contudo, ressalta-se que essa menor propensão ao uso desse serviço não é homogênea no território. Como já mencionado, a porção leste e norte da concentração de pessoas em situação de rua possui acolhimento relativamente elevado. Esses se mostram locais em que o serviço público de acolhimento, a despeito do fato de não ser aceito por todos, já que mesmo neles há vagas disponíveis e pessoas instaladas na rua, tem maior aderência na população.

Ademais, percebe-se que há alguns distritos mais periféricos com vagas disponíveis. Tais distritos são justamente aqueles do grupo Alto-baixo no QUADRO 8. Portanto, confirma-se que a maior oferta de vagas nesses locais com pequena população em situação de rua se reflete em uma maior capacidade ociosa.

## 5 Conclusões

A pesquisa identificou que a numerosa população em situação de rua da cidade de São Paulo, que chega a quase 32 mil, se concentra na região central da cidade. Embora fuja do escopo do trabalho avaliar o motivo de tal concentração, é possível que essa população tenha preferência por se instalar em locais com características como as da região central da cidade. Nesse sentido, Schor *et al.* (2002), por exemplo, verificam que a presença de muitos bares, restaurantes e lojas no centro de São Paulo atrai tal população, já que eventualmente pode utilizar sobras alimentícias de tais estabelecimentos. Ainda, a baixa circulação de pessoas durante a noite estaria associada a condições de repouso menos precárias.

Todavia, nessa região central da cidade a população em situação de rua está dispersa por diversos pequenos pontos de concentração. Além dos centros de acolhida, alguns locais que se destacam são o Largo Coração de Jesus, a Praça Santa Cecília, a Praça da República, a Praça da Sé e o Pátio do Colégio. Em outras regiões da cidade, destaca-se a concentração próxima ao CEAGESP e a próxima ao Parque das Bicicletas, em Moema.

Quanto à rede assistencial da prefeitura, percebe-se que há capacidade ociosa nela, já que há 14,9 mil vagas ofertadas, mas apenas 12,5 mil pessoas atendidas. É curioso que ocorra esse fenômeno, já que a demanda potencial por esse serviço é de 32 mil pessoas, muito mais que o total ofertado pela prefeitura. Para esclarecer a questão, a pesquisa avaliou como essa rede se distribui no território e como se relaciona com a presença de pessoas em situação de rua.

Percebe-se, primeiro, o padrão fortemente concêntrico da oferta de vagas de acolhimento, sendo a rede muito mais acessível na região central da cidade. Tal elemento indica que a alocação de vagas está adequada, já que a concentração de pessoas em situação de rua está nessa mesma região. Todavia, identificou-se diversos distritos na periferia da cidade em que há vagas de acolhimento não utilizadas, ou seja, capacidade ociosa da prefeitura. Como não há população em situação de rua significativa próxima a esses distritos, tal fenômeno evidencia que a alocação de vagas da rede poderia ser melhorada caso fosse ainda mais concentrada nas regiões centrais da cidade. Como a oferta de vagas é realizada por meio de parcerias com OSCs, há certa flexibilidade para realocar os recursos para organizações de outros locais, caso disponíveis.

Todavia, a capacidade ociosa não é explicada apenas por esse fenômeno. Na região central da cidade, a despeito da presença de muitas pessoas instaladas na rua, há vagas disponíveis na rede assistencial. Portanto, a população em situação de rua não parece propensa a utilizar o serviço de acolhimento da prefeitura.

Contudo, ressalta-se que tal falta de aferência ao serviço de acolhimento não é homogênea dentro da concentração de pessoas em situação de rua da região central da cidade. Enquanto as suas porções sul e oeste apresentam população pouco acolhida, as porções norte e leste são melhor atendidas por esse serviço.

É uma importante agenda de pesquisa a ainda ser estudada o que pode levar a tal falta de procura pelo serviço de acolhimento. Pode ser importante entender maneiras de aprimorar os centros de acolhida e torná-los mais atrativos a essa população, para que assim esse serviço público possa melhor chegar a ela e iniciar o processo de reconstrução de sua autonomia.

## Referências

ALMEIDA, Eduardo. **Econometria espacial**. Campinas–SP, Alínea, 2012.

ALVES, Y. D. D.; PEREIRA, P. P. G. O surgimento da Cracolândia como problema público: O desenvolvimento do mercado lucrativo do crack e sua exploração político-midiática. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 14, p. 465-488, 2021.

IWATA, S.; KARATO, K. Homeless networks and geographic concentration: Evidence from Osaka City. **Papers in Regional Science**, v. 90, n. 1, p. 27–46, 2011.

SCHOR, S. M.; ARTES, R.; BOMFIM, V. C. Determinants Of Spatial Distribution Of Street People In The City Of São Paulo. **Urban Affairs Review**, v. 38, n. 4, p. 592–602, 2003.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Produto V – Relatório completo do censo: pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de são paulo – 2021**. 2021.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Produto IX – Relatório final da pesquisa amostral do perfil socioeconômico: pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de são paulo - 2021**. 2022.

VIEIRA, R. S; HADDAD, E. A. **Índice de acessibilidade para São Paulo**. 2012, Anais. Niterói: ANPEC, 2012. Disponível em: [http://www.anpec.org.br/encontro/2012/inscricao/files\\_I/i9-3a9177bde138e0856209565459aa85a7.pdf](http://www.anpec.org.br/encontro/2012/inscricao/files_I/i9-3a9177bde138e0856209565459aa85a7.pdf). Acesso em: 04 nov. 2022.